



Director literario:

*António Gomes*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Lallys*  
PAPUSSE

# A INFANTA dos dedos frios

POR PEDRO DE MENEZES  
DESENHOS DE OLAVO



O palácio, a triste infanta, ora passejava repetidas véses pelos corredores longos e escurios, ora se debruçava das ogivas para vencer o mar com os seus olhos doentes de tanto ter chorado. E, estendendo dolorosamente as mãos, sacudia-as nas noites longas e fatigantes do inverno, manchando-as de luar, para com êle as confundir.

Não tinham visto nunca a infanta, nem nas festas mais aparatosas e belas que, o rei seu pai, mandava às véses dar, nem quando lhe anunciaram que ia casar com um rico e valente príncipe por quem ela se apaixonara, nem sequer quando lhe tinha nascido um filho lindo como um raio de sol, tão loiro êle era. De boca em boca, quer na cidade, quer nas vilas, dizia-se que o mal da princesa não tinha cura porque já assim o tinham declarado os mais conhecidos e célebres feiticeiros dos arredores. Os seus longos, afuzilados e brancos dedos estavam sempre constantemente frios, frios como a neve das montanhas e tão frios que se caricias pretendia fazer a seu filho, êle a repelia chorando,

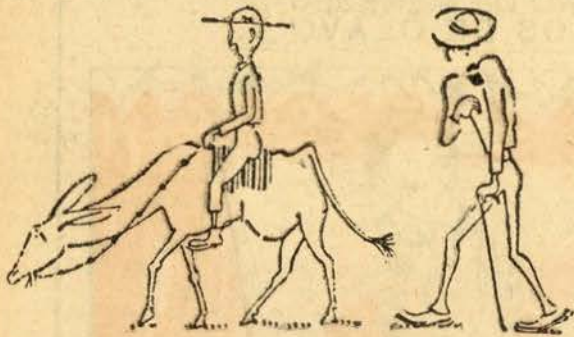
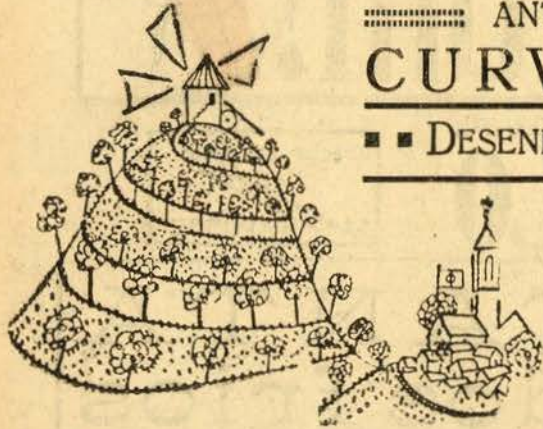
(Continua na página 4)



# O VELHO, O RAPAZ

## E O BURRO

ANTIGA FÁBULA DE  
**CURVO SEMEDO**  
 DESENHOS DE ALMADA



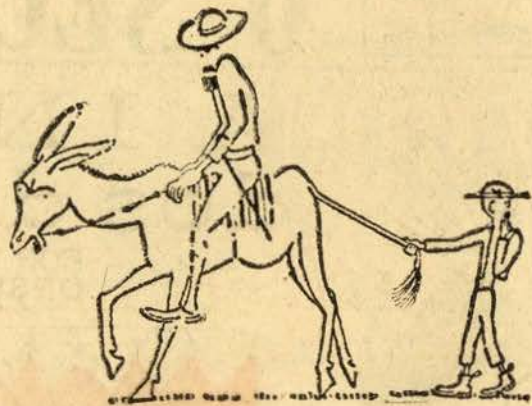
I

Partia um velho camponio  
 do seu monte ao povoado :  
 — levava um neto que tinha,  
 no seu burrinho montado.



II

Encontra uns homens que dizem :  
 — Olha aquele, que tal é!...  
 montado o rapaz que é forte,  
 e o velho, tropego, a pé!



III

— Tapemos a boca ao mundo —  
 o velho disse. — Rapaz,  
 desce do burro, que eu monto,  
 e vem caminhando atrás, —



IV

Monta-se, mas dizer ouve:  
 — que patética tão rata!  
 O tamanhão, de burrinho,  
 e o póbre pequeno, à pata!

V

— Eu me apeio, — diz, prudente,  
 o velho de boa fé:  
 — vá o burro sem carrêgo.  
 e vamos ambos a pé. —

# HORA DE RECREIO

POR TÍTONIO  
PARA O MANO  
PEQUENINO :: ::



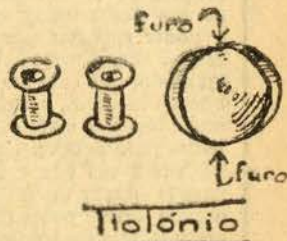
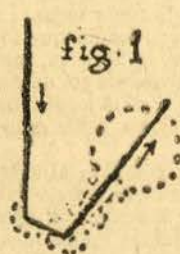
MEUS AMIGUINHOS

Com dois carrinhos de linha vazio, a tampa de uma lata de graxa, um arame e uma cana, poderão fazer esta formidável engenhoca para o mano mais novo.

Começemos por partes:

- 1.º — Espeta-se o arame na cana, a direito.
- 2.º — Dobra-se e enfia-se-lhe o carrinho, (fig. 1).
- 3.º — Dobra-se novamente, de fôrma a que o segundo carrinho, caia sôbre o bordo do primeiro.
- 4.º — Depois fura-se no sentido do comprimento, tal

ENGENHOCAS



como indicam as setas, a lata de graxa, enfiando-se-lhe o resto do arame, em cuja ponta se dá uma volta.

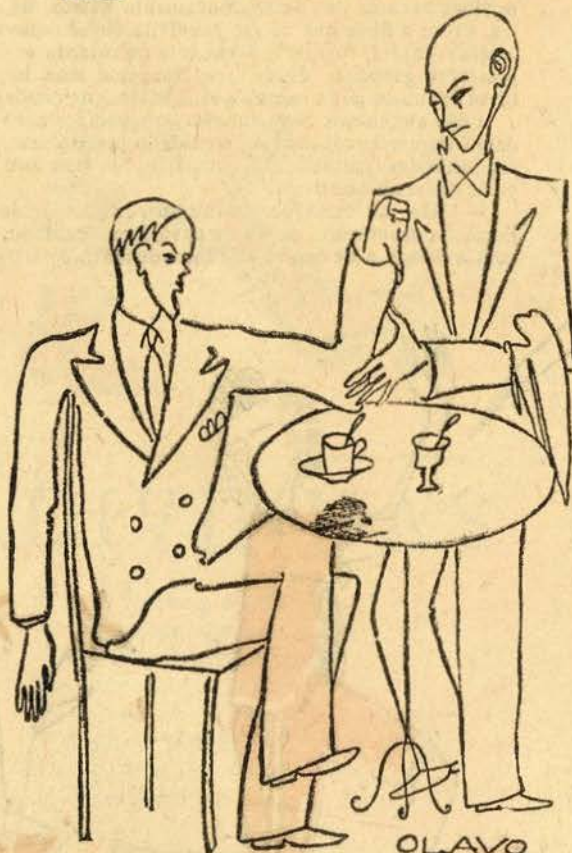
Resultado: Andando com o carrinho pelo chão, êste transmite o movimento ao que está vertical que por sua vez faz girar a lata de graxa.

Eu não lhe acho graça nenhuma... mas os miúdos far-tam-se de rir...

Vosso amigo  
Títonio

P. S. — Não escrevam por enquanto, pois o vosso «tio» só estará em Lisboa no fim dêste mês.

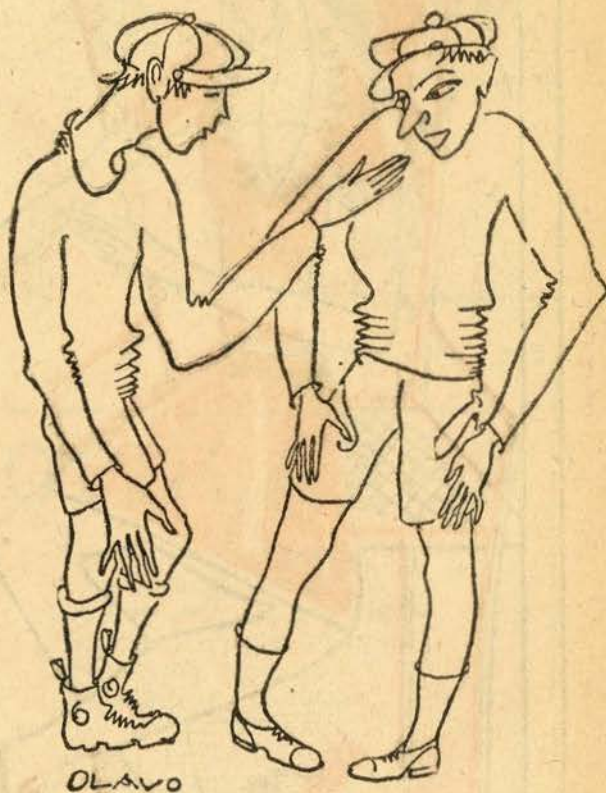
## PARA RIR



OLAVO  
X XVIII

Um espertalhão

O Freguês (para o criado) — Traga-me outro café por-que neste caiu uma mósca que o bebeu todo.



OLAVO

Maneiras de dizer

O Zéca — Emprestas-me cinco tostões para o carro?  
O Zica — Não tenho! Eu também, se quiser ir de car-ro, tenho de ir a pé.

# A INFANTA DOS DEDOS FRIOS

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1)

gritando ao sentir o gelado contacto, tremendo, tiritando. Se pretendia aquecer os enfeitiçados dedos junta do lume das lareiras dos pobres da aldeia que tendo pena dela a acolhiam ou junto do lume que no palácio mandavam acender de proposito, o lume apagava-se imediatamente por mais forte que fosse e os dedos ficavam, como sempre, frios como a neve. O degosto de não poder acarinhar o filho, de não poder trazer ao colo como todas as mães, de não o poder embalar por pouco tempo que fosse, tanto a dominou que, a triste infanta, emagreceu, melancolizou-se de tal modo, que caiu gravemente doente de cama. Seu marido buscou médicos, bruxos dos mais longínquos, dos mais conhecidos, dos mais sabedores e todos se declararam impotentes para debelar o mal.

Numa vés que a régia comitiva atravessava um monte para ir buscar um feitiçeiro que morava muito longe e que diziam talvez poder curar a misteriosa doença da infanta, encontraram uma pobre mulher muito idosa, curvada, que conduzia, presa por uma corda, uma cabra branca.

— «Onde ides, cavaleiros?» — lhes perguntou.

Um dos do séquito, que mais proximo dela estava e que a tinha ouvido, respondeu:

— «Vamos em busca dum feitiçeiro que cure a nossa infanta e dê, emfim, a alegria ao nosso palácio.

— «Não há feitiçeiro que a cure — disse de novo a velha desconhecida — não vos canseis mais. Eu irei vêr a infanta e tentarei curá-la».

Levaram com elles a velha que se não quiz afastar da sua cabrinha branca e deixando-a presa pela mesma corda à porta do palácio, levaram-na à presença da infanta que, no

seu leito de preciosas rendas, se definhava de momento para momento.

— «Deixai-me só com a doente» — disse ela, ao entrar no quarto.

Fechou cuidadosamente a porta, demorou ainda alguns momentos ali encerrada e, por fim, saíu, dizendo:

— «Nada mais facil do que a curar. E' das doenças menos graves que conheço».

E chamando de parte o marido, o valente príncipe do vizinho país que, ansiosamente esperava a resposta da desconhecida, disse ainda:

— «Desce a escadaria, príncipe, e desprendendo a cabra que em baixo deixei ficar, segue-a. Não abandones um só momento e traz-me uma porção da herva que ela comer».

O príncipe desceu apressadamente a larga escadaria, desatou a corda da branca cabra que a velha até lá conduzia e seguiu-a. A cabra andou por montes, por vales, atravessando riachos, rodeando vilas, subindo as mais altas serras, descendo os mais escarpados precipícios, até que, chegando a uma planície verdejante, começou a comer a herva que dava uma flôrzinha róxa, muito róxa. O príncipe cortou uma grande porção dessa misteriosa herva e dispunha-se a partir, quando a cabra lhe disse:

— «Acautela-te, príncipe. Tu vais agora partir sózinho porque eu volto para casa da velha que vai salvar a tua infanta. Quando atravessares aquele riacho que vês ao longe, tem cuidado com a água. Se te salpica, estás perdido».

E a cabra desapareiu. O príncipe tomou o caminho do palácio, mas quando ia atravessar o riacho, por mais cuidado que tivesse tido não conseguiu que não fosse salpicado, transformando-se imediatamente numa outra cabra semelhante àquella que o tinha acompanhado.

Entretanto, no palácio, esperavam o regresso do príncipe, mas elle não voltava. Que teria sucedido? A velha chamada a toda a pressa acompanhada desta vés por duas cabrinhas brancas que deixou novamente presas na escadaria, subiu e disse que só um cavaleiro ousado que seguisse as suas cabras, romperia o encanto da infanta e faria regressar o príncipe, desde que trouxesse uma herva que fosse indicada pelas cabras que o haviam de conduzir.

Logo um ousado companheiro do príncipe, um velho fidalgo, seguiu as cabras com o cuidado preciso mas, ao passar junto dum castanheiro centenário, lhe caiu aos pés um ouriço enorme que disse:

— «Não me esmagues, cavaleiro». Ele admirado do que lhe tinha acontecido, pegou no ouriço com cuidado, abriu-o com a adaga e de dentro saíu como de um fôfo berço um me-



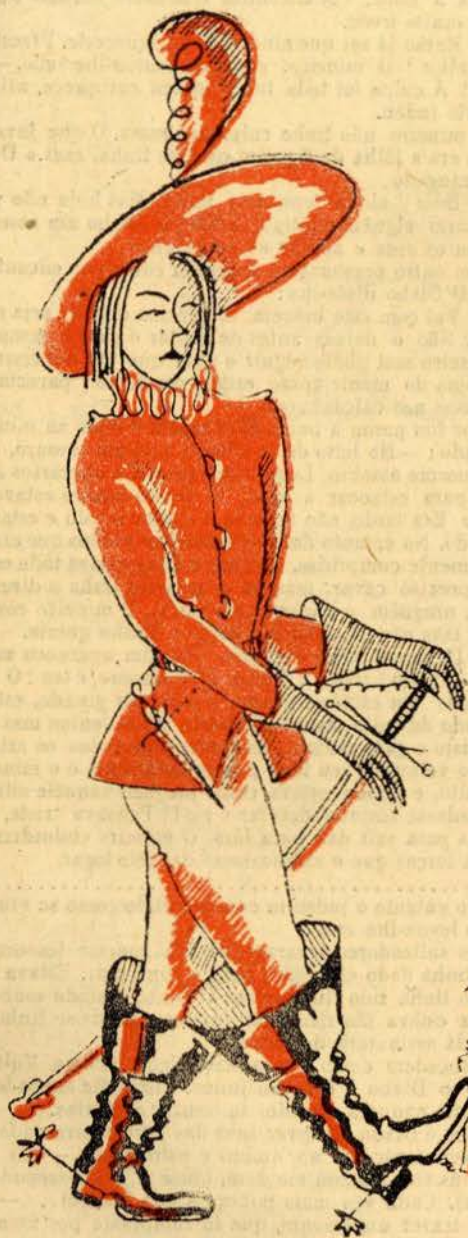
nino que falou e que, ao saltar em terra, se transformou num mancebicamente vestido, que disse:

— «O não me teres esmagado e o não te teres assustado comigo ouvindo-me falar, acabou com o encanto que me fez a velha que está no palácio, para curar a infanta. E' uma bruxa das piores. Aquelas cabras que tu segues são dois principes. Um, o marido da infanta que desapareceu. Outro, um cavaleiro dum país distante que ela conseguiu encantar também. O mal de que sofre a infanta tem facil cura. Morrendo a bruxa, melhora ela. O rei a perseguiu uma vês porque ela roubara lenha e coelhos nas matas do palácio e vingou-se enfeitando a filha daquele modo.

«Para a matar, basta que daquele riacho que vez ao largo, e que tens de atravessar, tragas um pequenino seixo no bôlso, pois assim os salpicos da sua encantada água te não farão mal. Quando as cabras comerem a herva que a velha indicou, atra-lhes com o seixo. O encanto quebrar-se-há, os principes voltarão à sua primitiva fôrma, a infanta melhorará e a velha bruxa se transformará numa cabra negra como a noite, fôrma da qual nunca mais há-de sair.

«Tem cuidado porque se o seixo, ao bater nas cabras, saltar e te atingir, morrerás em seguida».

O cavaleiro agradeceu e partiu. Fez como lhe tinham indicado, mas não conseguiu que o seixo o não alcançasse, quando saltou. Morreu imediatamente, mas todos os encantos desapareceram, tendo apenas a velha feiticeira sofrido o seu castigo.



■ F I M ■



## ADIVINHAS POPULARES

Nunca andei a estudar,  
Nem mesmo aprendi a ler,  
Trago penas sem aparo  
Por não saber escrever;  
Sou divertido e alegre  
E distinto cantador;  
Uso casaco de rabo  
E barretinho de côr;  
Não gosto de serandar  
Nem também vou ao serão,  
Pois não sei andar calçado  
E não posso usar gabão.

Visto pequeno sou grande,  
cubro o mundo tôdo inteiro.  
Sou mais velho do que a terra  
não sei a idade que tenho,  
Sou adorado por todos  
porque a todos faço bem.  
Sirvo tambem de relógio  
aos que relógio não teem,  
e apenas numa palavra  
digo o que tenho a dizer.  
Todos reparam em mim  
de manhã ao anoitecer.

Angelino G. S.

Fim. at  
o. alia  
bo. lu=  
di bri=  
at alo...



Por  
Matrial  
-C.S.-  
Palmas  
e  
bonecos  
de  
O alvo  
com tina  
do  
numero  
ant eri-  
or

Se o mineiro não enriquecesse naquela noite perder-lhe-ia a alma. Foi encontrar o mineiro sentado numa pedra e muito triste.

— Então já sei que ainda não enriqueceste. Fizeste outra vez tolice? O mineiro, choroso, contou-lhe tudo. — Já sei disso! A culpa foi toda tua. E quem enriquece, afinal, é o maldito judeu.

O mineiro não tinha culpa nenhuma. O que favorecia o judeu era a folha de figueira que ele tinha, mas o Diabo estava zangado.

— Bem! ainda tens esta noite. Mas hoje não vais só; mandarei alguém contigo. Soltou o Diabo um assobio que fendeu os ares e abalou as montanhas.

Um outro personagem apareceu como por encanto ao pé dele. O Diabo disse-lhe:

— Vai com este homem. E' preciso que ele seja rico esta noite. Não o deixes antes de cantar o galo e desaparecer. O mineiro mal podia seguir o guia que tão depressa estava em cima do monte como estava em baixo; parecia que tinha asas nos calcanhares.

Por fim parou à beira dum regato e disse ao mineiro espantado: — No leito deste ribeiro está um tesouro, e soltou um enorme assobio. Logo centenaes de operários apareceram para estancar a água. O Diabo mestre estava impaciente. Era tarde, não tardava a cantar o galo e estaria tudo perdido. No entanto dava ordens sobre ordens que eram imediatamente cumpridas. Por fim a água estava toda esgotada. Era preciso cavar, mas só o mineiro tinha o direito de o fazer, ninguém o poderia substituir. O mineiro começou a cavar mas não tão depressa como o Diabo queria.

— Depressa, mais depressa! Por fim apareceu um corpo duro — Ei-lo! Disse o Diabo. E' o tesouro, é teu! O mineiro fez mais um esforço, puxou, o péso era grande, estava extenuado de tanto cavar e não pôde, ainda tentou mas em vão.

Nisto o galo cantou. Desapareceram todos os artifices, o regato voltou ao seu leito precipitadamente e o mineiro, era dia alto, e ainda estava como pregado naquêlê sitio. — Se eu pudesse sózinho desviar o rio!! Pensava triste, sem ter forças para sair dali para fóra. O mineiro endoideceu e não havia forças que o arrancassem daquêlê logar.

No entanto o judeu ia enriquecendo como se viu. O mineiro levou-lhe ouro.

Os salteadores levaram-lhe um enorme tesouro. E ele não tinha dado um passo para o conseguir. Estava rico e o Diabo tinha sido ludibriado. O Diabo quando soube que o judeu estava tão rico ficou furioso, porque se tinha esquecido da assinatura do judeu.

Procedera como um néscio. Nada lucrava. Voltou portanto o Diabo a casa do judeu. Tinha êle acabado, precisamente naquela ocasião, de trancar as portas.

Mas o Diabo não precisava das portas para nada. Sentiu o judeu tocar-lhe no ombro e estremeceu. — Olá, amigo! Já estás rico? Quem me dêra, (disse o judeu fazendo-se humilde). Cada vez mais pobre! Ainda hontem. — Te vieram trazer um tesouro, que tu compraste por uma ridicularia.

Não é assim?! — Eu?! Tentou negar o judeu. — Pobre de mim! Nem tenho para comer!

— Basta! Mentiroso, poitirão! E preciso que tu me assinês isto, e estendia ao judeu outra folha de figueira, ou tiro-te quanto possuis! Pois fica sabendo que quem cá mandou as pedras e o tesouro fui eu e que portanto posso tornar a tirar-te tudo. O Diabo mentia nada lhe podia tirar.

O judeu, que estava industriado pela mágica, recusou. O Diabo quiz empregar a força e tentou roubar-lhe a folha, em vão. O judeu, já sem medo, resistia sempre, defendendo o seu dinheiro e a sua alma.

Nisto cantou o galo e o Diabo desapareceu dando um grande urro. Estava livre o judeu e estava rico. O Diabo tinha sido duplamente ludibriado. Enriqueceu o judeu e nada lucrou. Não enriqueceu o mineiro e perdeu portanto a sua alma.

No entanto ainda hoje se diz que a alma do mineiro vagueia junto do regato dando ais. Suspira pelo tesouro.

Nunca se deve ser ambicioso.

■ F I M ■

VIII

Montam, mas ouvem dum lado:  
— Apeiem-se, almas de brêu!  
Querem matar o burrinho?  
Aposto que não é seu!



IX

Diz o velho: Têm ralhado  
de tudo. Que mais nos résta?  
Peguêmos no burro às cóstas,  
façamos ainda mais esta. —



X

— Olhem dois loucos varridos! —  
ouvem com grande sussurro,  
— fazendo o mundo às avessas,  
tornados burros do burro! —

XI

O mundo ralha de tudo,  
tenha ou não tenha razão,  
Aqui lhes fica uma historia  
em prova desta asserção.



VI

Apeia-se, e outros lhe dizem:  
— Toleirão, calcando lama!  
De que lhes serve o burrinho?  
Dormem com êle na cama?



VII

— Rapaz, diz o bom do velho:  
— se de irmos a pé murmuram,  
ambos no burro montêmos  
a vêr se ainda nos censuram.



almada



A  
**verdadeira**  
**história**  
**do PUM** por OLAYO

Continuação do número anterior



Entretanto, umas vinte mulheres e crianças ainda foram aprisionadas e encerradas numa casa ao lado da que servia de quartel general. Mas o Pum e o seu companheiro, depois de voarem durante algum tempo, constataram que a casa sobre a qual tinham ordem de lançar as granadas que levavam era absolutamente igual a três outras onde se encontravam as vinte mulheres e crianças.

Longo tempo voaram sobre a aldeia deserta, hesitando sempre, até que, por fim, resolveram aterrar nuns terrenos afastados, onde combinaram o seguinte:

O Pum, surratamente, assassinando todas as sentinelas que encontrasse, faria o possível por aproximar-se do grupo de casas, afim de se certificar onde seria o quartel general.

Atravessou, lentamente, a zona perigosa, escondendo-se nos buracos produzidos pelas explosões das granadas, e, ao chegar à entrada de um bosque que rodeava a aldeia, o Pum, entalando entre os dentes a lamina do seu sabre, e pensando de si para si, que era bem verdadeiro o proverbio que diz: «que em tempo de guerra não se limpam armas», aproximou-se, rastejando.

Quando se preparava para liquidar mais uma sentinela que se lhe deparou, o Pum sentiu uma grande pancada nas costas, e uma corrente de ar frio atravessar-lhe o peito. E a vida começou a fugir com o sangue que fugia... O Pum caiu de joelhos, levando a mão ao coração para ver se já teria passado. Toda a sua vida passada começou a desfilar em correria cinematográfica na sua pobre cabeça...

A sua infância, as suas alegrias, os seus desgostos, a morte da sua mãe, tudo, enfim, se lhe atropelava na memoria subitamente avivada...

...Mas agora o sangue tinha cuagulado em volta do corpo que parecia adormecido. E o Pum já não sofria porque se tinha esquecido de tudo...

**FIM**

No tribunal.—O Juiz, depois das perguntas sacramentais, a uma testemunha.

- A sua profissão?
- Caixeiro.
- Caixeiro de quem?
- De ninguém. Sou caixeiro... faço caixas.

Um pretendente:

— Sei ler, escrever e contar.

O banqueiro:

- E acha-se habilitado a tomar conta da caixa?
- Sim, senhor; fui tambor no regimento.